

# O ALARME!

VASCO MC MARTINS

## JORNAL POPULAR PORTUGUÊS

Escreve-nos para:

O ALARME  
22, Village du Rif  
38640 - Claix

*Dos Trabalhadores para os Trabalhadores*

Para pagamento:

C.C.P. PAYAN Charles  
n°257 08B Grenoble

importante:

no remetente junto do  
teu nome põe (O.A.)

ABRIL

74

1FR

Nº19

### O Silva, o Zé e os seus problemas

**Silva:** - Então Zé, como foi a tua viagem a Portugal? Eu gostava tanto de ir lá ver como estão as coisas, conta-me como é que vai a vida lá por baixo?

**Zé:** - Aquilo está lindo, está!... Gasta-se muito mais dinheiro lá, do que aqui para se viver. Aonde eu passei as férias, nos arredores de Lisboa, o bacalhau mais barato está a 94 escudos o quilo, a carne de vaca (bife) está a preço livre até 150 escudos o quilo, o carapau que era antes o peixe do pobre está agora a 43 escudos, o azeite passou de 28 para 53 escudos, o óleo apesar das grandes bichas para o apanhar está a 29 escudos o litro, o chicharro que ainda é o peixe mais barrato está a 16 escudos o quilo. E ainda há muitas coisas que além do aumento ser enorme há bichas para se encontrarem, como por exemplo: o sabão, o leite, o açúcar, etc...

**Silva:** - Espero que ao menos as rendas de casa estejam baratas?

**Zé:** - Deves estar a brincar! Isso ainda é o mais caro, só a renda de casa leva quase todo o ordenado dum trabalhador. Nos arredores de Lisboa não se consegue alugar uma casa de três ou quatro assoalhadas por menos de 3 ou 4 contos. A isso ainda junta-se o tempo perdido nos transportes, onde se passam horas a tê chegar ao trabalho.

**Silva:** - Aqui tem-se ouvido dizer que os salários aumentaram bastante, é verdade?

**Zé:** - O governo para nos enganar com os seus sindicatos cedeu pequenos aumentos mas que finalmente não chegam a nada em comparação com o aumento do custo de vida. Ainda há muitas fábricas aonde as mulheres ganham 50 escudos por dia e os homens 90 escudos. Para conseguirem maiores aumentos os operários têm travado grandes lutas, por exemplo: Pevidem - Guimarães, na empresa de transportes Eduardo Jorge em Queluz, na Cometna, na Sorefame na Venda Nova, J. Pimenta Amadora, Somelos em Guimarães, Na Eduardo Ferreira & Irmão no Porto, dos pescadores de Matosinhos, etc.

**Silva:** - Eh pá!... Isso é porreiro!... Os burgueses devem estar à rasca ao ver o povo lutar pela sua liberdade.

**Zé:** - Pois estão... estão!... Por isso, o Marcelo quando vai falar à televisão já não vai com os dentes à mostra. Agora faz uma cara triste para que o povo tenha pena dele.

(continua página 8)

### Marcelo-Spínola, numa luta de galos pelo poleiro! Mas quem lhes há-de fazer a cama é O POVO!



Enquanto em Portugal o Marcelo, à frente da burguesia exploradora, oprime o povo e lança a fome e a miséria por toda a parte, na Guiné o Spínola feito bandido profissional tentou esmagar a luta vitoriosa do povo erguido contra o colonialismo; massacrou as populações, chegou mesmo a fazer uma invasão a Conakry para liquidar a direcção do PAIGC e mais tarde dirigiu o assassinato do heróico combatente e dirigente do povo da Guiné, o Camarada Amílcar Cabral.

Ao fim desta brilhante carreira de inimigo declarado do povo português e do povo guineense, a camarilha do Caetano apressou-se a recompensá-lo de tão altos serviços prestados à causa do colonialismo e do capitalismo. Começam então a chover os elogios na televisão, as medalhas, e arranjou-lhe um tacho como chefe adjunto do Estado Maior das Forças Armadas.

Entretanto, o Spínola publica um livro que não agradou nada ao Marcelo. Onde diz, entre outras coisas, que a guerra colonial não se pode ganhar por meios militares (imaginem que só agora é que ele chegou a tal conclusão!), ou por outras palavras vendo-se, portanto, obrigado a reconhecer que a luta revolucionária do povo, seja na Guiné ou em qualquer outra parte, é invencível. E que, portanto, se o Marcelo não quer afundar-se ainda mais, deve arranjar uma solução neo-colonial - quer dizer, meter lá governos fantoches que se dizem populares em palavras, mas que na prática continuam a ser colonialistas. Como o Marcelo não estava de acordo com isto, demitiu o Spínola do seu tacho no dia 15. No dia 16, sem se saber bem como, uma coluna de 200 oficiais e alguns soldados enganados no meio, pertencentes ao 5º Regimento de Caldas da Rainha avançaram sobre Lisboa.

(Continua página 7)



# O POVO ESCREVE

Paris, 9 de Março

ao jornal "o Alarme"

Amigos:

Um grupo de trabalhadores numa discussão tida sobre o jornal "O Alarme" chegou à conclusão que, afinal, a vossa auto crítica sobre as palavras obscenas não foi posta na prática pois elas voltaram a aparecer no último número na notícia sobre Guimarães.

Achamos ótimo o jornal mas não estamos de acordo com tais palavras pois não é com esses termos que os trabalhadores avançam.

Além de ser informativo o jornal deve ser formativo e educativo.

Essas palavras podem e devem ser substituídas por outras que marcam melhor o nosso ódio à burguesia que nos explora, oprime e humilha.

Lembrem-se, camaradas, que o jornal é defacto de trabalhadores para trabalhadores mas também levado para casa para ser lido pela nossa família e até pelas crianças, o que na questão educativa não favorece nada.

Esperamos que a partir do próximo número as nossas palavras tenham sido tidas em conta,

com as nossas melhores saudações, um grupo de trabalhadores do centro de Paris.

Camaradas,

Em resposta à vossa carta gostaríamos de dizer o seguinte:

a) Se lerem bem o que escrevemos não-de-reparar que não tomamos uma posição radical nem fizemos uma auto-crítica em relação às palavras obscenas; o que dissemos foi que iríamos procurar desabafar o nosso ódio contra os patrões doutra maneira. Fizemos sim auto-crítica em relação às gralhas saídas. Portanto, nada de confusões.

b) Em todo o caso, como não temos uma ideia clara e definida sobre esta questão, que envolve aspectos variados e complexos que ainda não conseguimos analisar com correção, pensamos no próximo número lançar um apelo a todos os camaradas que tenham ideias sobre o assunto, que nos ajudem a ver um pouco mais claro, com as suas achegas e opiniões. Está bem?

Malmo, 17 - 2 - 74

Camaradas,

Venho apresentar a minha colaboração e interesse pelo Alarme e assim gostaria de ver publicado o seguinte:

ATRAVESSADO NO CORAÇÃO PORQUE ALMA JÁ NÃO TENHO!

Caros camaradas, desde há muito ando para escrever. O Alarme tem-me chegado às mãos, até que fiz dele o meu jornal. Sentia desejo de criticar certos artigos, o que já foi feito e com consciência por outros camaradas.

O meu desejo é que "O Alarme" continue e que venha a ser o centro de troca de correspondência dos emigrados de todo o mundo e não só da Europa.

Obrigado Alarme pela oportunidade que me dá de ler nas tuas páginas críticas e auto-críticas, obrigado fundadores do Alarme.

Estou de acordo com as críticas

às palavras obscenas e também com a auto crítica dos mesmos, e deixar lá fora também o cagar. Esses desabafos são vícios burgueses, vaidades que só levam à derrota e ao afastamento das massas. Porque se queremos um jornal para o povo, queremos um jornal para acordar aqueles que ainda estão adormecidos, queremos um jornal para elucidar os menos esclarecidos, um jornal popular, tem de ser um jornal sério, e não um jornal de relaxo, um brinquedo político, como tantos que há nesse mundo da imigração portuguesa. Por tudo e por nada se faz um partido e um jornal. Como aqui na Suécia conheço alguns "políticos" pertencentes ao Avante e o forte deles é a narcótica, (a droga).

Sou filho dum jornaleiro, e o pão que comi é igual ao pão que os meus filhos comem, é o pão dum explorado, sou operário.

Como todos ou a maior parte dos portugueses sinto dentro de mim a revolta e o desejo de vingança. Mais uma história realista e amarga do mundo português.

Depois da colheita da azeitona o trabalho fraquejava até a ceifa, entre este período só trabalhavam os "engraxadores" ou aqueles que tivessem mulheres jeitosas ou filhas moças e bonitas, é triste mas é verdade; um homem ia pedir trabalho, mas só tinha uma resposta: não há trabalho. Mas o pobre lá fazia mais uma choradeira e o explorador fazia-se bondoso e dizia, "bem, manda cá a tua mulher saber a resposta tal dia, ou a tua filha." Isto é duro e está-me atravessado no coração porque alma já não tenho. Desgraçados, e no domingo lá obrigava todos a ir à missa. Um dia, sim um dia aconteceu que uma dessas mulheres que foi saber a resposta levou consigo uma faca de matar porcos (lá no meu sítio são especialmente compridas e finas!) O dito senhor esperava por ela num barracão e ao primeiro gesto dele, ela puxa pela faca e ele grita pelo cão de seu guarda-costas, e esse vendido o livrou talvez da morte.

É o povo quem ataca, é o povo quem defende, mas quando o povo acordar e só atacar a vitória será nossa, esses desgraçados serão julgados pelos seus crimes que são tantos e tão sujos.

Antes de terminar queria pedir ao Silva e ao Zé para voltarem a contar as suas peripécias. Pois sobre a revolução há muito que dizer.

E depois da Revolução como será?

Fale senhor Silva. Oh! Zé pergunta.

Para terminar quero desejar ao Teatro Operário e aos Pioneiros votos de felicidades revolucionárias.

Estive presente e atento no espectáculo dado em Malmo e a certa altura parecia a viver noutro mundo, parecia que toda aquela gente se unia para dar início à Revolução.

Viva O Teatro Operário!

Vivam os Pioneiros!

Vivam as canções revolucionárias dos Camaradas!

Viva a Revolução Popular!

Para todos os camaradas as minhas saudações revolucionárias.

Um operário da Suécia.



Massy, 9 de Março

Caros camaradas,

Chegou-me às mãos o nº 16 do jornal o Alarme e que me satisfaz a sua leitura e como já conto uns anos bons sempre em luta pelo nosso ideal; gostaria que me fosse enviado alguns números do dito jornal, e bem assim propaganda para despertar os nossos compatriotas que residem nesta região; por isso queiram enviar-me o dito material e seus detalhes. Para já lhes envio saudações anti-fascistas e me subscrevo

P.

Courbevoie, 25-3-74

Camaradas,

... Quanto à caixa para as lutas em Portugal, amigos que trabalham comigo (somos seis) estamos na disposição de dar uma hora por mês de salário para alimentar essa caixa. Começaremos com o pagamento no fim deste mês. ...

Saudações revolucionárias dos camaradas de Courbevoie.

"Para a frente, sempre, 22.2.74  
os fracos todos unidos  
um dia serão fortes".

Amigos,

Há dias saindo eu de casa para ir trabalhar encontrei um amigo que há muito não via. Trocámos algumas frases e no fim ao despedir ele passou-me um número do vosso ou melhor do nosso jornal "O Alarme".

Assino e ofereço-vos os meus modestos préstimos.

38640 - CLAI X	
22, VILLAGE DU RIF	
"O ALARME"	
CORREIO PARA:	
PORTA ESTE BOLETIM E ENVIA-O PELO	
PARA RECEBER "O ALARME" EM CASA	
LÊ-DIVULGA-DISCUTE-ASSINA	QUERO RECEBER O "ALARME" EM CASA:
"o alarme"	NOME -----
	MORADA -----
	Preço de uma assinatura: 10f, preço de cada: 1f

## ST. MARTIN D'HERES

Na última da hora tivemos conhecimento que o vira-casacas do maire Blanchon, resolveu sem dizer nada a ninguém, fechar a sala aos portugueses. Que co-bardia! Mas com os trabalhadores não se brinca. No mesmo dia à noite ele recebeu na sua vivenda a visita de cerca de 20 trabalhadores que lhe foram pedir contas. Sábado 23, de manhã nos bairros populares apareceu um papel em francês, e este em português que publicamos a seguir. Nas paredes da vivenda do Blanchon apareceu escrito: "Blanchon, atenção!" e nos bairros populares próximos, nas paredes também se lia: "Blanchon, atenção! Abre a sala!" - "A Sala para os trabalhadores. Blanchon vai trabalhar".

### todos unidos ficaremos com a sala

"Camaradas, tivemos de abandonar a nossa terra por não ganhar o suficiente para viver; viemos para aqui e fartos de trabalhar durante a semana arranjamos uma sala para nos podermos divertir um pouco Sábado à noite e Domingo e para fazer a união entre todos nós.

Há já um ano que existe a sala em St. Martin d'Hères, como sabeis de dia para dia há cada vez mais actividades e mais gente que vem. Há escola em Português para os miúdos, um rancho folclórico, cinema, baile, jogos e estavam a organizar-se outras actividades.

Também se fizeram obras na sala; ainda agora gastaram mais de 600 francos novos para se pôr o soalho.

Agora o presidente da Câmara (Maire) tenta-nos tirar a sala.

Sexta feira à tarde, sem nos dizer nada, nas nossas costas, mandou dois homens fechar a sala pregando umas tábuas na porta.

Logo de seguida, juntaram-se cerca de vinte trabalhadores muitos dos quais vinham a chegar do trabalho e ainda não tinham comido e foram a casa do presidente da Câmara (Maire) para lhe pedir explicações. Esses trabalhadores, entre os quais havia Portugueses, Árabes, e Franceses, foram recebidos pela mulher, mas ao que parece o Maire até estava lá; dissemos-lhe então para transmitir ao marido o seguinte:

- 1 - Que o que ele fez é uma garotice, fechar a sala sem mais nem menos, sem nos dar uma explicação.
- 2 - Que até Sábado, às oito horas da noite abra a sala senão nós encarregamo-nos de a abrir.
- 3 - Nós pagamos impostos e não é favor nenhum emprestar-nos a sala; que se deixe dessas ideias malvadas que vão contra o povo porque senão da próxima vez não iremos a vinte mas a duzentos ou trezentos.

Camaradas, não nos vamos deixar levar, devemos manter-nos unidos e decididos a tudo e desde já devemos prepararmo-nos para tudo.

VAMOS CONTINUAR A UTILIZAR A SALA TODOS OS SÁBADOS E DOMINGOS."

Os organizadores da sala 22/3/74

*Camaradas, por falta de espaço e como achamos que este assunto é mais importante não publicamos o artigo sobre a festa das crianças.*

## Montparnasse

Realizou-se no Domingo, 10 de Março, a festa de inauguração do Clube Operário Português de Montparnasse.

O programa foi preenchido com:

Canções populares portuguesas cantadas pelo grupo "Os Camaradas".

Danças folclóricas apresentadas pelos ranchos folclóricos do C.O.P. e da Associação Operária de St. Ouen.

Teatro executado pelo grupo de teatro do C.O.P. com "As Histórias para serem Contadas".

O povo do bairro acorreu em massa à festa. Havia cerca de 300 pessoas e muitas outras não chegaram a entrar pois na sala e no bar estava-se como sardinhãs em lata.

O ambiente foi de grande alegria e confraternização. Após o teatro e a discussão que se lhe seguiu, cantaram de novo "Os Camaradas" acompanhados por algumas pessoas que foram com eles cantar ao palco e pelo coro feito pela assistência.



No final, amigos alentejanos juntaram-se e cantaram canções populares alentejanas.

No bar, depressa se esgotou tudo o que havia para beber e comer pelo que muita gente saiu de garganta seca.

Houve quem dissesse que a festa devia durar mais tempo, e pediram que se fizesse outra o mais breve possível. A comissão pró-clubes indo ao encontro dos desejos formulados tenciona realizar mais festas dentro do mesmo espírito.

Entretanto, abriu a campanha para sócios, todos os interessados podem dirigir-se à sala do Clube no 55 Rue Vercingetorix, Paris 14 às noites de segundas, quartas, sextas e sábados e nos sábados e domingos à tarde.

Com as saudações da comissão.

## festa em BELLEVILLE

No Domingo, dia 3 de Março realizou-se neste bairro uma festa popular, organizada por trabalhadores árabes, espanhóis, franceses, mauricianos e portugueses. A festa, apesar dum certa precipitação com que foi preparada, teve um enorme êxito.

No panfleto de convite à festa, em português, além do programa, no qual participaram o grupo musical "Os Camaradas" e o teatro infantil "Os Pioneiros", lia-se nomeadamente:

"..Uma das armas dos burgueses é dividir-nos para melhor nos dominar.

Assim procuram criar falsas rivalidades e ódios entre nós e os trabalhadores árabes, africanos e espanhóis por um lado, e por outro, entre os trabalhadores franceses e os emigrantes em geral.

Nós devemos lutar contra os inimigos dos trabalhadores, e para tal, é necessário que nos juntemos com os camaradas das outras nacionalidades que são explorados como nós e que têm os mesmos interesses."

## ABAIXO O RACISMO

VIVA A UNIÃO DOS TRABALHADORES!

No programa da festa além da participação portuguesa, houve teatro feito por camaradas árabes e franceses, sobre a condição dos trabalhadores emigrantes, uma curta metragem, sobre o racismo e a cumplicidade do governo francês para com os grupos fascistas-racistas, música e danças palestinianas, canções revolucionárias espanholas, etc...

Dois acontecimentos, na hora marcaram a festa: uma greve que neste momento é levado a efeito por camaradas árabes que trabalham na limpeza no "Salon Des Arts Menagers," e a onda de revolta que todos os anti-fascistas sentem pelo assassinato levado a cabo pelo sanguinário governo de Franco, do jovem catalão Puig Antich.

A festa decorreu num ambiente de grande camaradagem. Como todos os presentes se sentiam unidos por um grande sentimento de internacionalismo, as diferenças de língua foram dissipadas, e todos dançaram ao som das músicas árabes e palestinianas, como todos bateram palmas ao som da música de "Os Camaradas". De assinalar que "Os Pioneiros" foram um grande êxito, e os camaradas árabes tomaram contactos com eles a fim de lhes transmitir a sua experiência.

No futuro, faremos mais reuniões deste género, a fim de criar uma unidade de aço, entre todos os trabalhadores.

VIVA O INTERNACIONALISMO!

Um grupo de trabalhadores de Belleville.

Paris 10-3-74

## fecham associações fascistas

ASSIM É QUE O MEU ZÉ QUER, ASSIM É QUE O MEU ZÉ GOSTA FECHAM AS ASSOCIAÇÕES FASCISTAS, NASCEM ASSOCIAÇÕES POPULARES.

A ANPF faliu, com ela faliu a ideia da burguesia portuguesa de querer dominar mesmo em França, as actividades dos trabalhadores portugueses. Esta Associação foi fundada em 1966 pelo fascista Dr. Coelho Lopes então cônsul geral de Portugal em Paris. O lacaio Dr. Pedro Pinto actual Secretário de Estado e Informação bem se esforçou para a manter de pé, mas como já em 1971 havia dívidas para cima de 300.000 Fr. (cerca de 2.500 contos) isto do que se sabe, a associação burguesa faliu - foi à vida.

Camaradas, nós ocupamos umas linhas no nosso jornal com isto porque, é bom sobretudo nesta página, de tirar as seguintes lições:

Com grandes festas, Amílias, Beneficinas-Sportings, etc... estes pulhas procuraram ir enganando e roubando o dinheiro dos trabalhadores.

Resultado: Falência, Roubo, Desmascaramento.

Por outro lado, para os trabalhadores isto vai cada vez melhor, os clubes e Associações Populares nascem como cogumelos sobre o controlo dos trabalhadores e com as suas economias. São o exemplo, só em Paris, das Associações de trabalhadores que vão de Gentilly, a St. Ouen passando por Montparnasse, Centro e Belleville.

VIVAM OS CLUBES, SALAS E ASSOCIAÇÕES POPULARES!

# A PALAVRA aos CLUBES, SALAS e ASSOCIAÇÕES dos TRABALHADORES

## clube dos trabalhos do centro de paris

Camaradas,

Nós somos um grupo de trabalhadores que também estivemos na festa do Clube de portugueses do Centro de Paris, no Domingo dia 10 de Fevereiro. Quando lemos no Alarme a notícia da festa, ficámos muito satisfeitos por o jornal publicar estas coisas e pensámos também escrever a contar aquilo que vimos na festa. Isto porque achamos que se passou muita coisa na festa que não vem na notícia enviada pelos sócios do clube.

Por exemplo, quando esses camaradas dizem que "a festa esteve rija com a presença de 250 pessoas" e "durante algumas horas a fraternidade reinou entre todos", nós não estamos de acordo.

Nesta festa estavam entre 120 e 150 pessoas. Dizer o contrário, isso é servir o nosso inimigo, porque o Alarme é um jornal que diz a verdade e as pessoas que lêem o jornal e que estiveram na festa, ao lerem uma notícia que não é verdade, podem pôr em dúvida as notícias sobre as greves da Sorefame ou as lutas dos trabalhadores dos estaleiros de

Viana Do Castelo, assim como outras. Ora isso não pode acontecer?

Quanto à exibição do rancho de Francoville, ela terminou com a "bandeira portuguesa". Isto é, com a bandeira dos patrões e dos capitalistas que nos exploram em Portugal e que exploram os nossos irmãos de Angola, Guiné e Moçambique.

Houve um espectador que gritou do fundo da sala: "Essa não é a nossa bandeira. A bandeira dos trabalhadores é vermelha!".

Esse camarada tinha razão. Nessa altura houve elementos do rancho que ficaram chocados com essa crítica.

A seguir actuaram os "Camaradas" que criticaram uma das canções do rancho que dizia que se ia para o Ultramar e coisas assim, e dizendo que eles não estavam de acordo com isso e que convidavam todos os elementos do rancho e as pessoas interessadas a ter uma discussão no bar. Por outro lado, também disseram que uma canção do rancho "Os Patrões em Portugal" estava bem e toda a gente gostou pois eles até cantaram duas vezes. Ora os elementos do rancho

não gostaram nada desta crítica, porque, segundo eles, os conjuntos não se devem criticar e que as críticas deviam ser feitas à parte.

No fim da festa houve discussão rija e até houve elementos do rancho que vinham com paus na mão porque o ambiente estava quente.

Nós achamos que as contradições entre nós trabalhadores, não se resolvem à pancada, mas sim na discussão aberta e fraternal, porque a porrada essa há que a guardar para os patrões e exploradores.

Foi isso que alguns camaradas fizeram no fim da festa. E depois todos compreendemos que afinal aquilo que nos divide são coisas pequenas e que nós devemos estar sempre unidos para combater o inimigo comum.

É isto que nós achamos que devia ter sido dito pelos sócios do Clube na notícia que mandaram.

PELA UNIÃO DA CLASSE OPERÁRIA!

Um grupo de trabalhadores do Sul de Paris.

## HOLANDA

VISITA DUMA DELEGAÇÃO DO P.A.I.G.C.

No mês de Fevereiro uma delegação do P.A.I.G.C. visitou a Holanda, com o fim de fazer pressão sobre o governo holandês e informar o povo holandês da gloriosa luta de libertação travada pelo seu povo. Para isso deu uma conferência pública em Amsterdão. Na grande sala estavam umas centenas de pessoas entre as quais muitos trabalhadores portugueses residentes na Holanda. Foi mostrado um filme que focava os aspectos mais importantes da luta tanto na frente de combate como nas zonas libertadas.

Foi grande o entusiasmo de todos nós, sobretudo com a actuação de um grupo de teatro de patriotas Cabo-Verdianos que cantavam canções de revolta ao mesmo tempo que fazendo teatro iam mostrando como é que os camponeses feitos escravos pelos colonialistas foram tornando consciência até os expulsar da sua terra e acabarem com o colonialismo.

Quando o padre entrou no palco com um punhal a fazer de cruz e a dizer: "Eu sou o Portugal eterno", "vim aqui para trazer a fé cristã e a civilização ocidental", apanhou um ensaio de porrada dos camponeses. Assim acabou o teatro, com centenas de pessoas a bater palmas e com muitas pessoas a gritar em português: "Abaixo a guerra colonial", "Viva a independência da Guiné e Cabo-Verde".

Dois dias depois saía um artigo no Diário de Notícias em Portugal dizendo que a sala estava quase vazia sendo a maioria das pessoas hipis e que até eram dadas as bebidas de graça para essa gente lá ir. É preciso ter lata. Se a gente soubesse que esses filhos da puta, jornalistas vendidos aos burgueses estavam lá de certeza que levavam tanta porrada que iam escrever o artigo para o hospital ou nem o chegariam a escrever!! Mas fica para a próxima.

APOIEMOS TODOS A LUTA DOS POVOS DAS COLÓNIAS!



## A-VER-O-MAR



No Alarme nº 14 publicamos um artigo sobre a expulsão do Padre Ângelo da freguesia de A-Ver-O-Mar. Este foi expulso porque não hesitava em defender o povo mesmo quando punha em causa as ordens do bispo. Quando o povo soube que o padre ia ser expulso foi em peso (100 pessoas) a Braga pedir ao Bispo que anulasse a sua decisão. Já nessa altura houve lutas entre a polícia e o povo chegando mesmo a haver feridos. A si

tuação manteve-se até agora porque o padre Ângelo vendo o povo unido resolveu ficar com o povo enquanto não viessem ordens do papa.

No dia 4 de Março o padre foi obrigado à força pela G.N.R. a abandonar a residência paroquial de A-Ver-O-Mar. Tendo um jeep da polícia carregado os livros do arquivo paroquial e diversos objectos do culto e também o mobiliário, roupas e objectos pessoais de padre Ângelo.

Alguns dias antes o pároco recebera um ofício do governo civil do Porto em que se afirmava: "Se não cumprir voluntariamente no prazo de 10 dias a determinação que recebeu do bispo da diocese de Braga no sentido de despejar a casa Paroquial de A-Ver-O-Mar, será a mesma despejada pela autoridade policial."

Como vemos os Bispos dão as mãos à polícia para defender os interesses da burguesia. E quando algum padre não está de acordo e se põe do lado do povo, a repressão faz-se logo sentir. Mas o povo começa a lutar pela sua liberdade, e um dia virá em que esses bandidos presterão contas ao povo.



Acaba de sair o 3º disco da colecção "Revolta" dos Camaradas, todas as pessoas que o queiram podem dirigir-se ao Alarme ou à pessoa que lhe vendeu o jornal.

# um Camarada angolano fala a trabalhadores portugueses

Desde 1961 que o povo angolano luta pela sua libertação. Actualmente há diversos movimentos que conduzem essa luta, sobre os quais o Alarme não toma posição por falta de dados mais concretos. Mas como achamos que a entrevista do Camarada Mingas defende posições justas, pensamos que seria bem levá-la ao conhecimento de todos os trabalhadores portugueses.



os colonialistas portugueses sofrem um ataque no norte de Angola

TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS OUVIRAM E APLAUDIRAM UM COMBATENTE DO M.P.L.A.

"Foi a primeira vez na minha vida de militante do M.P.L.A. que pude falar para um público de, na maioria trabalhadores portugueses. O calor com que me acolheram só tem, para mim, uma explicação: nós, os povos das colónias, em luta pela libertação, e o povo trabalhador português, temos um pé de entendimento comum - o de sermos oprimidos, explorados, escravizados, pela mesma burguesia, representada pelo mesmo

governo fascista e colonialista";- foi desta maneira que Sayidi Mingas, actualmente representante do M.P.L.A. nos países escandinavos, se referiu ao acolhimento que lhe deram quase duas centenas de portugueses trabalhadores emigrados, em Malmo na Suécia, quando dum sessão organizada pelo Comité de desertores Portugueses para comemorar o 4 de Fevereiro, dia em que, há 13 anos, em 1961, com um assalto às prisões de Luanda, se iniciou a Guerra de Libertação do povo de Angola contra o colonialismo português.

Sayidi Mingas esteve, até há pouco mais de um ano, na frente de luta, em Angola: hoje o guerrilheiro não deixou de ser quem era, mesmo que haja quem por graça lhe chame "embaixador". Será embaixador, sim senhor, mas embaixador de um povo que luta de armas na mão para ganhar o direito de ser senhor do seu destino e da sua pátria. Embaixador do Povo e não de uma minoria de parasitas que vivem à custa do povo - é por isso que este "embaixador" é tão diferente dos outros.

"Sei muito bem dos esforços que fazem os agentes fascistas no estrangeiro para manter os trabalhadores emigrados na alienação. Para que estes apoiem um governo que mantém o povo na fossa da miséria e da opressão e lhes rouba até o direito de viverem no país em que nasceram, obrigando tantos e tan-

tos a emigrar, numa luta pela sobrevivência, pois que em Portugal não tinham com que viver decentemente por mais que se matassem a trabalhar. É por isso que este 4 de Fevereiro, passado no meio de trabalhadores portugueses, tem o sabor de uma grande vitória.

É esta solidariedade e compreensão dos trabalhadores emigrados que queremos ver, e que sabemos que está a crescer em Portugal. E por isso, é como que entrar nas entranhas do monstro. No dia em que o operário português deixar de servir de suporte aos burgueses que o exploram, nesse dia estaremos unidos na luta contra o inimigo comum e não haverá nada que nos detenha.

## LUTAMOS CONTRA UM INIMIGO COMUM

O Alarme - Já quase que deste resposta a esta pergunta, mas fazemos-ta na mesma: Qual é a melhor forma de apoio que o Povo Português pode dar à vossa justa luta de libertação?

Mingas - Para nós que lutamos pela libertação do nosso povo, a primeira e maior de todas as ajudas que o povo português nos pode dar - é ele ser livre. Só há uma maneira de ajudar um povo em guerra: é parar com essa guerra. E para acabar com a guerra é preciso fazer a guerra. A frente de combate dos povos das colónias é indissolúvel da frente de combate dos trabalhadores portugueses conscientes. Nós lutamos por que nos nossos países os homens sejam homens e não instrumentos de produzir lucro para os capitalistas.

Hoje, o maior preço da guerra colonial é pelos operários e camponeses portugueses, que em troca, só têm o direito de morrerem de fome quando velhos. São eles que são o suporte humano dum guerra que só interessa aos seus inimigos. Sem que tenhamos que fazer a apologia destes ou daqueles, estamos seguros de que não há outro caminho para acabar com este estado de coisas que não seja o de mobilizar revolucionariamente as massas exploradas de Portugal contra o colonialismo e contra a burguesia exploradora.



Estamos seguros que hoje a consciência do povo português se agiganta, se encaminha para a liquidação da alienação imposta pelo fascismo, se perde de dia para dia aquele medo enorme da P.I.D.E. e que contra a força de repressão não se pode fazer nada.

## DESERÇÃO REVOLUCIONÁRIA

"O Alarme": Todos os anos há milhares e milhares de jovens que abandonam o país por se recusarem a participar na guerra colonial assassina contra os vossos povos. Nos quartéis aumenta a agitação de dia para dia, com actos de desobediência colectiva, porrada nos chicos; alguns soldados desertam roubando armas e o seu numero é cada vez maior. Os fascistas já gritam na assembleia nacional que estão a ser "invadidos" pela rectaguarda. Como é que tu vês esta evolução?  
"Mingas": A mobilização do povo português contra a guerra colonial é a me-

lhor forma de apoio com que hoje podemos. Ora a realidade portuguesa é hoje uma realidade de guerra. A repressão fascista não hesita em destruir, em matar, quem se lhe oponha. Por isso, ao povo português nós temos para mostrar o nosso exemplo: à violência das armas, respondemos pegando em armas. É por isso que um desertor poderá vir a ser mais útil do que um refractário. Um homem que conhece as armas é mais útil do que um que não as sabem empunhar. A deserção com armas - pois sim, senhor, é uma arma a menos para a guerra colonial, e uma arma a mais nas mãos do povo, que saberá usa-la. O roubo de uma arma, só por si não é muito, mas grandes coisas fazem-se com pequenas, e serve para mostrar bem claro que a revolução, como qualquer guerra, não se pode fazer sem armas.

AS NOSSAS TENTATIVAS DE SOLUÇÃO PACIFICA OS COLONIALISTAS RESPONDERAM COM CRIMES E MAIS CRIMES.

"O Alarme": Na sessão desta tarde constate que antes do início da guerra de libertação, vocês ainda tinham esperanças de conseguir a independência por meios pacíficos. Diz-nos como foi que o povo de Angola compreendeu que essa esperança era um erro?

"Mingas": Quando o nosso movimento ainda tinha um experiência muita curta, nós chegamos a acreditar que era possível dialogar com os fascistas como homens, apesar da escravatura a que nos submetiam nós julgamos que poderíamos convencê-los pela força da nossa razão. Mas a



resposta que nos deram foi sempre: crimes e mais crimes contra o nosso povo. Eu vou apenas resumir alguns:

Kubal (centro-sul de Angola), 1938/41 Durante três anos os colonialistas fizeram uma verdadeira caça ao negro, para roubar o gado e ocupar as terras da população. O povo resistiu como pôde, empunhando toda a espécie de armas primitivas. A tropa respondeu com massacres selváticos, assassinando muitas centenas de camponeses.

Catete, 1932 a 1947 Grandes protestos das populações contra as condições de escravatura a que os colonos os submetiam. A repressão abateu-se com tal ferocidade que de ambas as vezes a população jovem foi praticamente eliminada.

Baixa de Cacenas 1951 As terras ricas em algodão e em arroz, que hoje são ocupadas pelos colonos, foram conseguidas à custa do massacre das populações.

Todas estas experiências não chegaram para que os patriotas angolanos desistissem de tentar por todos os meios a via pacífica. Quando o MPLA foi fundado em 1956, um dos seus primeiros actos foi lançar um apelo ao governo colonialista pedindo que se permitisse a discussão dos problemas com que o povo angolano se debatia. Claro que isto não serviu para nada. De cada vez que o povo se manifestava na rua, exigindo a abertura de negociações, a tropa respondia com metralhadoras assassinando a ei-  
to. (Cont. pág. 6)

# "a maior ajuda que o povo português nos pode dar - é ele ser livre!,"

Em 1960, foi preso pelos colonialistas Agostinho Neto, que regressara a Angola um ano antes. Na região de Catete, nos arredores de Luanda, o povo manifestou-se na rua contra este prisão. A tropa abriu fogo e só neste dia mais de 300 pessoas foram assassinadas. Isto fez-nos ver claramente que só tínhamos um caminho a seguir: mobilizar a população para a luta armada. Foi no ano seguinte, em 4 de Fevereiro de 1961, que essa luta começou, grandes massas populares, armadas de catanas, facas e armas de fogo de fabrico caseiro, lançaram-se em Luanda ao assalto de 4 prisões em que estavam encarcerados patriotas angolanos.



SÓ PELA LUTA ARMADA O POVO SE PODE LIBERTAR DA MISÉRIA E DA OPRESSÃO

Este levantamento popular pôde ainda ser oprimido barbaramente pela tropa que se lançou odiosamente sobre a população sem defesa, em busca de vingança. Só na manhã do 4 de Fevereiro, a polícia e a tropa, invadindo os bairros populares, assassinou mais de duas mil pessoas. A população africana foi obrigada a entregar todas as facas, lâminas e mesmo garfos que tivessem em seu poder. Com o povo totalmente sem defesa, a matança continuou e quando chegou à noite de 5 de Fevereiro, mais de 5 mil pessoas tinham sido mortas.

A esta grande derrota o nosso povo respondeu com uma onda de revolta que nenhum exército reacionário conseguiria jamais parar. A rebelião estendeu-se ao norte, penetrou profundamente no seio das massas camponesas escravizadas.

A luta armada foi o último recurso que empregámos para conquistar a nossa liberdade. A nossa violência não é mais do que autodefesa contra a violência dos interesses imperialistas, o único caminho que nos restou para sairmos da miséria e da opressão.

A INDEPENDENCIA DA GUINÉ É UMA VITÓRIA TAMBÉM PARA NÓS.

"O Alarme": Quais têm sido nestes últimos tempos as vitórias mais importantes alcançadas pelo povo de Angola na sua justa luta de libertação?

"Mingas": Para a nossa luta actualmente as vitórias diplomáticas têm uma dimensão enorme. A declaração da independência da Guiné, foi com certeza o sucesso mais importante: ela reafirma aos olhos do mundo a nossa razão e a nossa convicção no justo caminho que seguimos, o da mobilização, formação e orientação das grandes massas do povo na luta pela vitória total sobre o colonialismo e o neo-colonialismo. Outra ainda foi a decisão da Assembleia Geral da ONU em retirar ao embaixador do governo fascista e colonialista o direito de falar em nome de Angola, Guiné e Moçambique. Isto só foi possível como resultado da determinação do nosso povo em lutar de armas na mão pelo direito a decidir o seu destino. No plano militar, estamos actualmente no período de consolidação das zo-

nas libertadas. Lançamos uma ofensiva aberta contra essas ilhas políticas que são os quartéis colonialistas isolados no meio das zonas libertadas, no sentido de eliminar completamente os restos de presença colonialista. Assim desde Outubro passado, já lançámos 5 ataques contra o quartel de Mikomji centro nevrálgico da região de Belize. Desse quartel, já hoje não resta uma única casa de pé. Mesmo assim, os comandos militares continuam a enviar tropas para lá, sabendo bem que as enviam para uma morte certa. Só o desprezo que os militares fascistas têm pela vida dos soldados é que torna uma tal coisa possível.

No Leste, são os quartéis de Lubala, Makondo e Xilombo que estão sobre o nosso fogo, tendo as tropas colonialistas sofrido pesadas baixas. No dia 28 de Janeiro, foi abatido um helicóptero que ia de Lubala para Xilombo morrendo carbonizados os cinco ocupantes.

Em Cabinda, a forte ofensiva do MPLA acabou já com os sonhos dos colonialistas de explorarem o petróleo que lá descobriam. Só continuam agarrados a alguns poços no mar, em frente à costa de Cabinda, mas isso também não lhes vai durar muito.

OS IMPERIALISTAS UNIDOS NOS CRIMES CONTRA OS POVOS

"O Alarme": Como é que tu encaras o apoio que a burguesia colonialista recebe de certos países capitalistas, e mesmo de alguns que se dizem estar do vosso lado?

"Mingas": Hoje a guerra de agressão que os colonialistas portugueses fazem contra os nossos povos já não é só deles, é uma guerra da OTAN e de todos os países imperialistas, Portugal recebe armas, veículos bombas e aviões dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Itália, da Suécia e de muitos outros. Mas além desse auxílio directamente militar há que contar com os grandes investimentos que se fazem nas colónias e que são importantíssimo suporte da guerra contra os nossos povos. Nós consideramos que essa é uma forma de colaborar na agressão, no genocídio contra o nosso povo. E amanhã, quando formos livres, não haveria possibilidade de diálogo com aqueles que hoje se aproveitam e participam de tantos crimes cometidos contra o nosso povo.



NAS CIDADES OS OPERÁRIOS LANÇAM-SE TAMBÉM NA LUTA

"O Alarme": Ultimamente, tem-se assistido ao início de uma nova etapa na guerra de libertação do povo angolano. Já não são só as massas camponesas que participam na luta, mas também a população africana das cidades, principalmente os operários, através de greves, manifestações violentas, etc... Que importância tem este novo factor para o avanço da luta?

"Mingas": Tem uma importância enorme. Nos últimos meses, tem havido greves em muitos locais e mobilizando massas operárias muito numerosas. As greves de Setembro - Outubro dos trabalhadores do porto de Luanda foram as mais conhecidas e também as mais importantes. Mas nos meses que se seguiram, houve também em muitas fábricas grandes lutas operárias, mas já agora, quero também falar da manifestação exemplar dos trabalhadores de N'jiva (Pereira de Eça) em 1972 quando o fascista Rebocho Vaz, governador geral de Angola visitou (pensava visitar) essa cidade. Quando o cortejo automovel dos fantoches fascistas mal tinha acabado de se formar foi atacado por uma grande massa popular, armada com tudo que havia à mão. O cortejo foi obrigado a recuar, enquanto que três batalhões militares (quase dois mil homens) eram chamados a carregar sobre o povo. Mesmo assim, a combatividade indomável do povo obrigou o fascista Rebocho a desistir da visita e a regressar a toda a velocidade a Luanda!

A classe operária das cidades tardou mais a ser mobilizada do que o campesinato, o que na situação angolana, é natural. Mas hoje assistimos a uma tomada de consciência cada vez maior no seu meio, é devido a trabalho de agitação desenvolvido pelo MPLA, através das emissoras da rádio diárias e das nossas organizações clandestinas nas cidades. Ainda que a classe operária seja ainda pequena em relação ao campesinato, ele será cada vez mais e principalmente depois da libertação o principal sustentáculo da economia do país e a classe que mais consequentemente poderá dirigir a luta que levará ao fim da exploração do homem pelo homem.

Para já, o crescente movimento operário virá a pôr na ordem do dia a utilização de formas de guerrilha urbana contra a ocupação colonialista. As rectaguardas em que os colonialistas se sentiam até agora estão a desaparecer.

OS POVOS DE ANGOLA, DE MOÇAMBIQUE E DA GUINÉ VENCERÃO!

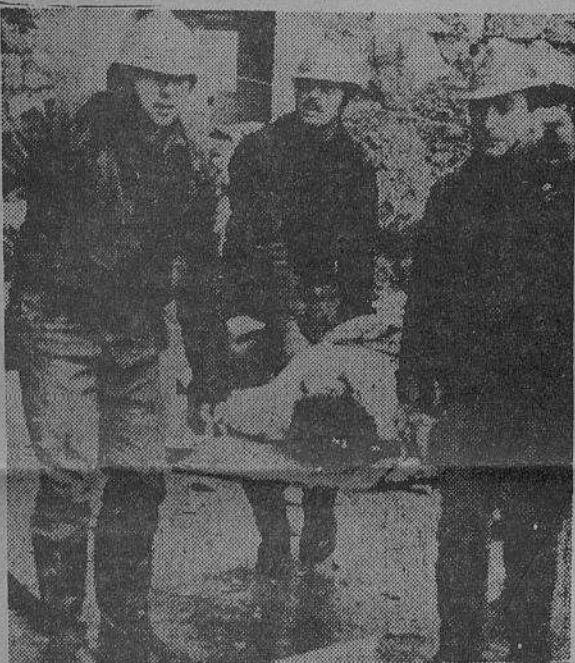
## AVIGNON

### 6 operários portugueses mortos e 5 feridos

Na construção de um parque de estacionamento subterrâneo encontravam-se alojados em barracas, 16 trabalhadores emigrados dos quais 11 eram portugueses.

No domingo, dia 3 de Março, às 3 horas da tarde após um dia de chuva e de neve caiu um muro de 10 metros de altura em cima das barracas onde se encontravam os 11 trabalhadores portugueses que aí passavam o tempo livre. O muro atingiu a barraca matando 6 e deixando 5 gravemente feridos. Como o sítio era perigoso só acabaram de tirar os corpos à 1 da manhã.

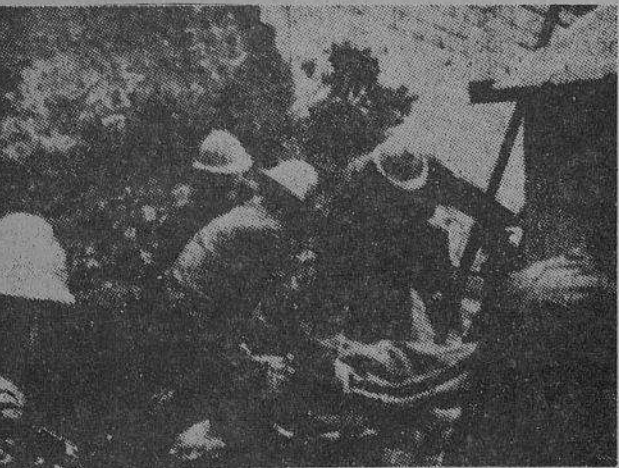
Na lista dos mortos vêm seis nomes: Fernandes Malanga, António Campos, Amândio Crisófomo, João Dantas, António Rodrigues e Amândio Vieira.



Os nomes dos feridos são: Francisco de Oliveira, Isidora da Silva, Manuel Nunes, José Viana e Francisco Vieira.

Estes como muitos outros eram obrigados a aceitar as más condições de trabalho e de alojamento que os patrões lhes dão.

Esta não é a primeira vez que os bandidos dos patrões assassinam os operários por falta de condições de segurança. O que estes bandidos querem é que o dinheiro lhes entre no bolso, e não se importam que os trabalhadores vivam em más condições. Mas um dia estes bandidos terão que prestar contas de todos os crimes que cometem, O POVO ORGANIZADO ESMAGARÁ TODOS OS PATRÕES!



### um trabalhador português foi agredido e ameaçado de morte pelo patrão



O Alarme entrevistou o operário José Maria Cardoso, residente em La Frette (povoação perto de Grenoble) onde denuncia os maus tratos de que tem sido vítima desde que chegou a França.

#### COMO VEIO DE PORTUGAL?

Sou de Calvos, Vieira do Minho, vim de Portugal a salto a 13 de Setembro. Quem me passou foi o António Teixeira Barroso, um operário, mas um traidor que só defende os interesses do patrão. Os operários daqui até dizem que ele "me teu o chico". Paguei-lhe 2.500 escudos para me passar juntamente com 2 outros camaradas que ainda trabalham com esse bandido do patrão PIZZETTI.

#### PORQUE VEIO DE PORTUGAL?

Eu não precisava de vir para cá, mas como toda a gente dizia que se ganhava muito dinheiro em França e apareceu o Barroso (intermediário do patrão) a convencer-me, decidi vir. Agora vejo que isto é tudo uma ilusão.

#### QUANDO CHEGOU CÁ COMEÇOU LOGO A TRABALHAR?

Comecei a trabalhar no dia 15 de Setembro, mas sem papéis, assim como os outros dois. O patrão aproveitou a oportunidade dos emigrantes clandestinos para roubar ainda mais. Assim por 150 horas de trabalho pagava-me 270fr. e quando lhe exigi mais dinheiro ele quis bater-me.

#### ENTÃO COMO É QUE ISSO SE PASSOU?

Um dia estava a trabalhar, o ladrão do patrão ameaçou-me de bater e eu, claro, defendi-me. Então uns dias depois, estava eu na cama, esse bandido entrou dentro da casa, deu-me uns pontapés e ameaçou-me com uma pistola. Calculem que esse bandido roubou a pistola a um português que há anos trabalhou com ele. Este "búfalo" já está habituado a roubar e a bater todos os operários que trabalham para ele, até costuma dizer que português que não lhe dê lucro de mais de 10 milhões é posto à porta, depois de levar porrada.

#### E AGORA O QUE SE PASSA?

Primeiro ele bateu-me tanto que fui obrigado a ir para o hospital de Grenoble 15 dias em Fevereiro em tratamento numa vez e em Março mais 8 dias. Agora esta tudo em tribunal e esse explorador ha-de pagar-me um ano de contrato de trabalho e uma indemnização pelas pancas que me deu. Claro que as dores que eu sofri e continuo a sofrer ninguém mas paga.

Como temos de ser uns para os outros, houve um operário que já cá está há mais tempo que ajudou este camarada quer directamente na luta contra o patrão quer ocupando-se de todas as necessidades que ele teve e continua a ter.

Claro, que a solução é sempre a mesma, temos de nos organizar para acabar de uma vez para sempre com os patrões.

continuação da 1ª pág.

## Marcelo-Spinola

### LUTA de GALOS

Por altura do Aeroporto apareceu-lhes pela frente uma coluna da GNR. Houve lá entre os comandantes uns apertos de mão explicou-se o mal-entendido e as coisas ficaram por aí. Também em Lamego, sem se saber bem porquê, houve a explosão duma granada e como já se sabe, quem as paga são os filhos do povo - houve dois soldados mortos e 15 feridos.

Entretanto, à rasca, o director da casa que publicou o livro do Spinola, que é uma empresa com capitais da CUF, demitiu-se.

Conclusão, dos oficiais rebeldes uns já começaram a acalmar-se e os outros foram presos, enquanto o povo trabalhador nas fábricas e nos campos e os soldados dentro dos quartéis, continuam a ser explorados e oprimidos como dantes.

QUEM RI NO FIM É QUEM RI MELHOR!

Ora tudo isto acontece num momento em que nas colónias, os povos com armas na mão escorraçam das suas terras para sempre o exército colonialista português.

Por outro lado, em Portugal o povo trabalhador responde à exploração e à fome a que os burgueses nos obrigam, com lutas e greves vitoriosas, como foi o caso por exemplo dos pescadores de Matosinhos, da fábrica Sepsa (Leça de Baílo), na Amadora, em Pevidem e na fábrica de Somelos em Ronfe (Guimarães); com lutas populares como por exemplo na Marinha Grande e no Porto durante as últimas eleições de Outubro. Nos quartéis, os soldados lutam de todos os modos contra a guerra colonial assassina, como por exemplo em Mafra, Tancos e Lumiar.

A burguesia à rasca já não sabe o que há de fazer para calar a revolta e o descontentamento popular.

Ora quem semeia ventos, colhe tempestades! Os próprios burgueses começam a sofrer os resultados e a sentir-se vítimas da situação que eles próprios criaram. E como já não chegam a acordo para resolver a situação, começam a bulhar uns com os outros como lobos enraivecidos.

Mas o povo não alinha nesta luta de galos. E como quem ri no fim é quem ri melhor, enquanto eles se devoram uns aos outros, o que é que deve fazer o povo? Todos unidos, operários, camponeses, soldados e estudantes devemos aproveitar estas zangas da melhor maneira e desencadear lutas contra a carestia da vida, contra a exploração, contra a guerra colonial. É através de todas estas lutas que o povo ganha experiência e se há-de preparar para um dia tomar o poder pela Revolução Popular. Então haverá um Portugal sem guerra, sem exploração e sem emigração. E todo o povo terá Pão, terra, paz e democracia popular.

VIVA A JUSTA LUTA DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS DE ANGOLA, MOCAMBIQUE E GUINÉ INDEPENDENTE!

ORGANIZADO E COM ARMAS O POVO É INVENCÍVEL!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

# UM GRUPO DE TRABALHADORAS ESCREVE-NOS

Grenoble, 11 de Março de 1974

Camaradas,

Conscientes de que as mulheres são duas vezes mais exploradas que os homens:

- no trabalho, fazendo o mesmo que o homem ganham menos,
- em casa, depois dum dia de trabalho são forçadas a ocupar-se do marido, dos filhos, da comida, da roupa, etc.
- e ainda no fim de semana, se querem sair não podem, ou porque têm que guardar os filhos ou porque o marido ou família o impede,

decidimos em conjunto com um grupo de trabalhadoras de Paris enviar todos os meses artigos que ajudem a mulher, unidos aos seus companheiros, a lutar contra a exploração de que é vítima.



Dia 8 de Março está ligado a uma grande luta das operárias da indústria têxtil. Esta luta passou-se em Nova York em 1957. A jornada de trabalho era de 16 horas mas as operárias unidas recusaram-se a trabalhar e exigiram a diminuição da jornada para 10 horas e salário igual ao dos homens. Organizaram a manifestação na cidade e nem a polícia as fez recuar porque não há polícia no mundo que resista à força dos trabalhadores unidos e decididos. Com esta luta fizeram recuar os patrões e conseguiram as suas reivindicações.

Mais tarde em 1910, quando tudo indicava a aproximação duma guerra, a militante alemã, Clara Zetkin, numa conferência internacional dos socialistas em Copenhague, apelou para a força das mulheres contra a guerra. Clara Zetkin,

propôs a celebração do dia 8 de Março como DIA INTERNACIONAL DA MULHER.

Nasceu assim a internacionalização dum movimento que viu as mulheres tomarem consciência do seu valor, dos seus direitos e seu dever na luta pela emancipação do proletariado.

Outras mulheres, noutros países, dão-nos a sua experiência e o seu exemplo revolucionário. Na Rússia, na China, na Albânia, no Vietnã, em Portugal, em Angola, em Moçambique e na Guiné, as mulheres participam nos movimentos de libertação quer, directamente na luta armada, quer na organização da nova vida da aldeia. Enfim, participam de diferentes maneiras conforme as necessidades.



Em Portugal temos entre outras Catarina Eufémia, ceifeira alentejana que foi abatida a sangue frio pela guarda republicana de Beja, quando corajosamente à frente dum grupo de trabalhadores pedia aumento de salário. Muitas trabalhadoras revoltadas por verem os

filhos partirem e quantas vezes morrem na guerra, lutam nas fábricas e campo pelo fim da exploração.

De dia para dia as operárias tomam consciência desta exploração e começam a organizar-se: recentemente foi a vitoriosa luta das operárias da Grundig em Braga, em que a maioria era mulheres, não cederam as manobras traidoras dos patrões, sindicatos e polícia. Souberam elevar a lutas das massas a uma luta política ao mesmo tempo que conseguiram as suas reivindicações.

No Porto, na fábrica electro-mecânica do CANDAL cerca de 100 operárias pararam de trabalhar porque o patrão nem sequer lhes pagava o salário mínimo. No dia de pagamento recusaram-se a receber o dinheiro e decidiram não trabalhar enquanto não lhes fosse pago o que lhes tinha sido roubado. De igual modo fizeram as operárias de Somelos (Ronfe-Guimarães) para que lhes fosse aumentado o salário. Em Barcelos as operárias da Tebe, ao verificarem que o patrão só tinha pago aos operários, reuniram-se e embora tenham sido postas fora da fábrica pela força, continuaram a gritar e a informar todos os que passavam das mãos sujas do patrão, ameaçando de fazerem greve. No dia seguinte conseguiram o que exigiram.

E é assim, na luta, lado a lado com os nossos companheiros, que destruiremos o nosso inimigo comum, a classe exploradora, e conseguiremos uma sociedade livre e justa para todos os trabalhadores.

VIVA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER!  
ORGANIZADO O POVO É INVENCIVEL!  
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

um grupo de trabalhadoras de  
Paris e Grenoble

## O QUE É PRECISO SABER

QUE DIREITOS TEMOS QUANDO ADOECERMOS EM PORTUGAL DURANTE AS FÉRIAS!

Nesta sociedade capitalista tudo está organizado de modo a que o operário trabalho o mais possível. É por isso que o patrão até paga um tanto por mês para que cada operário tenha direito a tratar-se rapidamente quando está doente, pois tem todo o interesse em que ele continue a produzir.

Sim, porque não é por amizade ao operário que o patrão desconta!!!

De qualquer modo interessa-nos saber os poucos direitos que temos e aproveitá-los:



1 - No caso de estarmos de férias em Portugal e adoecermos, temos direito ao serviço médico, medicamentos e hospitalização?

Com efeito, temos direito mas para isso devemos dirigir-nos à caixa portuguesa com as folhas de "maladie", facturas da farmácia, etc, para ser posto um carimbo confirmativo de que estamos doentes. Depois devemos guardar todos os documentos para sermos reembolsados quando chegarmos a França.

No entanto, se a doença se prolongar para além do período das férias, será necessário avisar o patrão enviando-lhe um atestado médico. Temos direito às

"indemnités journalières" por um período de três meses que pode ser renovado por mais três meses sob controle do médico, no caso de necessitarmos continuar o tratamento. Para além dos seis meses perdemos o direito às "indemnités journalières" no entanto, continuamos a ter direito aos medicamentos.

2 - E se estamos doentes em França e queremos ir tratar-nos a Portugal?

Neste caso precisamos duma autorização da Sécurité Sociale e do médico. Em Portugal continuamos a ter direito às "indemnités journalières", medicamentos, consultas e hospitalização como no caso anterior.

Nota: Temos de desconfiar das informações que nos dão na Sécurité Sociale pois a maior parte das vezes o que eles querem é despachar-nos.

Conselhos interessantes: se conhecemos um médico ou um farmacêutico porreiros devemos aproveitar e pedir que nos marquem mais dinheiro do que aquilo que é, para podermos receber mais quando formos reembolsados.



Camaradas, se tiverem problemas com a Sécurité Sociale, com a Caixa ou com toda a papelada que estes bandidos dos burgueses nos obrigam a preencher, escrevam-nos!

## O silva, o zé e os seus problemas

Continuação da 1ª página

O povo já não vai em cantigas, eles com medo reforçam as suas defesas policiais, pondo todas as forças repressivas de prevenção.

Silva: - Como é que as pessoas pensam que esta crise se resolve?

Zé: - Por todo o lado as pessoas falam na guerra civil que vão ter de enfrentar. Já começam a perceber que a única maneira de conseguir a liberdade e o fim da exploração do homem pelo homem será a revolução popular, para isso, o povo começa a organizar-se.

Silva: - É isso: ORGANIZADO O POVO É INVENCIVEL!

Faz-te correspondente  
do Alarme na terra  
onde trabalhas  
Envia-nos as tuas

## lutas dos soldados

**Mafra** Escola Prática de Infantaria

MAIS DUAS ARMAS QUE JÁ CÁ CANTAM PARA A NOSSA LIBERTAÇÃO.

Por todo o quartel a agitação e a luta contra a disciplina da xicalhada e a guerra colonial aumentam; os xicos à rasca tentam vigiar por todos os meios os elementos que lhes parecem mais activos. Mas tudo isso não impediu que na noite de 7 para 8 de Fevereiro um aspirante e um cadete desertassem com as suas armas.

*Andam por aí ainda uns cagarolas que dizem que desertar com armas é uma aventura perigosa e impossível. Ora os exemplos já são de sobra a provar o contrário.*

*Assim é que é, camaradas, as armas que roubarmos hão-de servir para nossa libertação. Para lá chegarmos já faltou mais do que o que falta.*



**TOMAR** REGIMENTO DE INFANTARIA

OS XICOS SÃO COMO OS CÃES QUE LADRAM, MAS SÓ MORDEM SE A GENTE OS DEIXAR!

Porque razão os xicos e os patrões nos tratam com violência, nos castigam e nos querem prender?

*É porque têm medo de nós! É para impedirem que a gente se una, se revolte e lute pela nossa liberdade.*

*Se a gente deixar dominar, então eles ainda crescem mais e esmagam-nos. Mas se a gente lhes resistir enão se deixam fazer pouco, eles ficam desnorteados, co-meça-lhes a fugir o chão de baixo das patas e acagaçados metem o rabo entre as pernas diante da força e da união do povo.*

Eis um exemplo de como se deve actuar com os xicos que ladram. Havia já uns dias que os soldados andavam revoltados com a porcaria do rancho que lhes davam a comer. Até que um dia já fartos desta situação, as batatas estavam quase todas podres e até cheiravam mal, resolveram não comer.

O oficial do dia entrou. Uma, duas vezes obrigou a malta a comer. Ninguém lhe obedeceu. Atrapalhado, foi chamar o segundo comandante do regimento.

Este entrou no refeitório cheio de gosma e começou a fazer um discurso para obrigar os soldados a comer. A resposta não se fez esperar e toda a malta no final do discurso começou a bater palmas em ritmo de tango. Todo lixado com o gozo que lhe faziam o 2º comandante começa a berrar e a ameaçar os soldados, ordenando mesmo aos oficiais subalternos que lhes apontassem as pistolas. Mas os soldados não se amedrontaram e começaram a atirar batatada às trombas dos xicos que saíram do refeitório humilhados e em pânico.

*Camaradas soldados, temos de acabar de uma vez para sempre com a gosma dos xicos fascistas.*

## Leça do Bailio

**SEPSA**

**Babcock & Wilcox**

TREMEI PATRÕES! UM NOVO PODER SE ALEVANTA!

Foi distribuído no dia 5 de Fevereiro um comunicado a todos os operários da fábrica assinado pelo Comité Operário Staline que dizia o seguinte:

"A miséria da classe operária acentua-se diariamente e o Marcelo com os seus sorrisos já não convence ninguém. Sigamos o exemplo dos operários da Oliveira e Ferreirinha, da Cometna, Sorefame e Mague. Entremos em greve por um salário mais justo. As nossas reivindicações são:

- aumento geral de salários de 40%,
- salário mínimo de 6.500#00 para operários maiores de 21 anos.

Logo ao meio dia depois do almoço concentremo-nos todos à entrada dos vestiários e ninguém "lhe pegue".

E de facto a greve fez-se, envolvendo segundo os dados da própria direcção da Sepsa, mais de 300 operários ou seja 70% do efectivo total. Adirecção da Sepsa quando tomou conhecimento do panfleto, ficou tão atrapalhada que não pôde ignorar e imediatamente dirigiu 2 comunicados aos operários um no dia 5 e outro no dia 8 de Fevereiro onde afirmava:

"...Tomámos conhecimento do manifesto grevista que insidiosamente o Comité Operário Staline dirigiu ao pessoal e não podemos ficar indiferentes à perturbação que se pretende gerar no seio desta empresa com claros intuitos políticos..." em seguida ameaçava os operários grevistas com o despedimento e a repressão da polícia.

Mesmo o sindicato fascista interveio mostrando-se de acordo com a greve, tendo, por isso, enviado uma carta à direcção da fábrica. Em resposta ao dito sindicato a SEPSA vai aos arames e respondeu logo:

"...as reivindicações salariais não podem explicar nem justificar qualquer greve por esta ser simplesmente ilegal, e, muito menos, quando essas manifestações são preparadas e conduzidas por comandos revolucionários como nesta empresa vem acontecendo por acção do Comité Operário Staline..."

Entretanto a luta continua.

*Camaradas, aquilo que aconteceu na SEPSA e uma amostra do que em breve vai tornar-se a luta entre a classe operária e os patrões, entre o povo e as auto-*



*ridades tremem ao constatar que cada vez mais um novo poder se alevanta ao serviço da classe operária e do povo: nas fábricas os Comités Operários da organização Sindical Vermelha, nos quartéis os Comités de Soldados e Marinheiros vermelhos e por toda a parte o povo organizado LUTA!*

Após terem conhecimento que os camaradas da SEPSA tinham entrado em greve no dia anterior, os operários da Babcock, Wilcox, decidiram também entrar em greve contra a carestia da vida e por aumentos de salários. E assim foi.

Durante mais de duas horas os operários fizeram greve até que o gerente veio convidar os operários mais antigos para discutir em nome de todos. Como sempre acontece, chegou-se ao final sem nada se ter decidido. Ficaram no entanto as promessas da direcção...

Os operários estão decididos a entrar de novo em greve se não vier um aumento.

*Promessas não pagam dividas. Pois claro, só a luta é que compensa. Seguindo o exemplo dos camaradas mais experientes na luta, preparemo-nos para vitórias cada vez maiores.*

## caixa de apoio permanente á luta em Portugal

No último número tínhamos dito que a Caixa é para apoiar a luta dos trabalhadores "por um Portugal onde haja PÃO, PAZ, TERRA E DEMOCRACIA PARA TODOS". Mas como, entretanto, recebemos algumas críticas sobre o que ficou dito, nós vamos pôr os pontos nos iis: É evidente que se trata de democracia para TODOS nós, trabalhadores, e de ditadura para os burgueses. Claro que nunca nos passou pela cabeça que depois da revolução popular possa haver democracia para os nossos inimigos figadais que são os burgueses e todos os da mesma raça.

Em todo o caso, camaradas, fizeram bem em nos chamar atenção - o que importa é que neste ponto as coisas sejam bem claras e não haja lugar a confusões. E sempre que houver descuidos ou imprecisões da nossa parte, não deixem passar nada.

Posto este esclarecimento que se impunha, vamos ao que interessa:

ABAIXO A GUERRA COLONIAL	
ASSASSINA .....	100 FR
UMA CAMARADA .....	10 FR
ABAIXO A DUPLA EXPLORAÇÃO	
DAS MULHERES .....	80 FR
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO	
POPULAR .....	50 FR
CAMARADAS DE PARIS DERAM	
MAIS QUE 10fr. PARA ASSI	
NATURA; O JORNAL DA ESSE	
DINHEIRO PARA A CAIXA .....	60 FR
ABAIXO O REVISIONISMO .....	10 FR

O dinheiro deve ser enviado para:

Charles Payan (luta)  
22 Village du Rif  
38640 - Claix  
ou por cheque para o C.C.P. n° 257 08B, Grenoble.

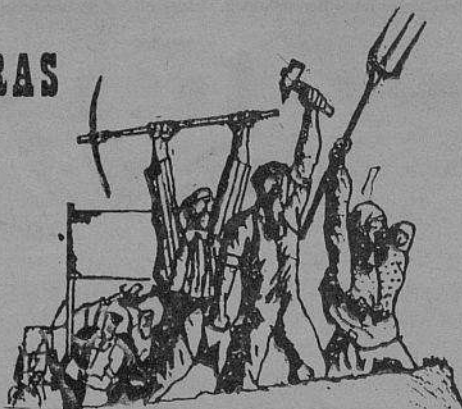
Cá ficamos à espera! O Alarme

# NOTÍCIAS DE PORTUGAL

## VAMOS CONHECER AS NOSSAS TERRAS

### E AS NOSSAS GENTES

## para melhor nos unirmos



O Alarme é um jornal dos trabalhadores. Ora muitos pensam que trabalhadores são só os operários da fábrica, o carpinteiro, o pedreiro, o pintor... e esquecem-se por exemplo dos CAMPONESES.

Claro que a burguesia, raposa matreira sempre procurava divisão entre o povo: a divisão entre os operários (dividindo ainda os homens das mulheres), a divisão entre os operários e os camponeses e mesmo entre outras camadas de trabalhadores.

Assim o camponês, a sua vida, as suas dificuldades, as suas lutas, as suas aspirações são pouco conhecidas. Certas terras de Portugal por exemplo, Ruães, Ronfe, Leça do Bailio, Teloês, A-Ver-O-Mar, Apúlia, etc... eram para nós até há pouco desconhecidas e foram as lutas aí travadas que as trouxeram ao conhecimento de muitos nós.

O Alarme teve uma ideia, dar a conhecer e unir cada vez mais os operários e os camponeses esses "desconhecidos". Mas isto só é possível se cada um de nós, antigos camponeses, ou trabalhadores da terra e da fábrica ao mesmo tempo, deitarmos cá para fora o que sabemos e o que vivemos para que isso seja conhecido por todo o povo.

Nós vamos lançar algumas ideias sobre as quais todos nós devemos pronunciar. **VAMOS A ISTO!**

1- Onde fica a tua terra? Como se chama? Quantos habitantes tem? Quais são as terras vizinhas?

2- Há grandes proprietários? Tu e os teus amigos também tinham terras? E nas aldeias vizinhas?

3- Dá um número aproximado dos grandes proprietários, dos trabalhadores que tinham um bocado de terra, dos caseiros, dos rendeiros, etc. Como era a sua vida?

4- Trabalha-se ao dia, à semana, ao mês? Há maquinas? Quanto se ganha lá na terra e nas aldeias vizinhas, comidos e bebi-

dos? Paga-se com produtos? Trabalha-se uns para os outros?

5- Arrendam-se terras? Como se paga, à terça? Em dinheiro, com produtos da terra? Quem dá os adubos e as máquinas?

6- Só se trabalha na terra ou vão trabalhar para as aldeias vizinhas, para o campo, para a fábrica? Que fábricas? Quantos operários e operárias? Quanto se ganha?

7- Como se chamam os grandes senhores lá da terra? E das terras vizinhas? O que fazem?

Camarada, sozinho ou em grupo tenta recordar-te o que foi a tua vida e a dos teus. Escreve isso e envia-nos. No próximo número lançaremos mais algumas ideias sobre este assunto.

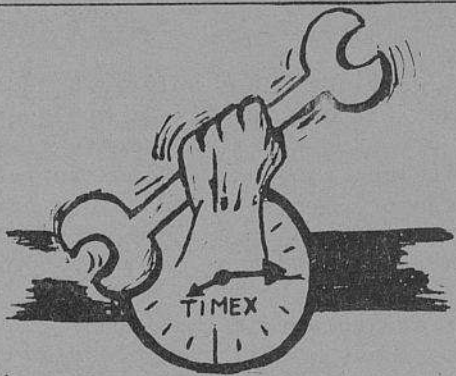
## LAZARIM-ALMADA

Na fábrica de relógios Timex no Lazarim, montada com capitais estrangeiros, e em que quase a totalidade da produção é para exportação, os operários na maioria mulheres, disseram que já chegava de tanta exploração.

Nesta fábrica cada operário tem que fazer um certo número de relógios por dia, e mesmo para os novos operários, em aprendizagem, a produção tem de ser comprida, sendo a estes "facilitada a permanência na fábrica para terminarem a produção diária", e isto se querem conservar o emprego. Os operários fartos com o sistema de produção que aumenta e de salários fixos decidiram fazer greve. Prontos a garantirem a decisão da maioria, organizaram piquetes, que não estavam com meias medidas para darem porrada nas trombas dos que queriam furar a luta dos trabalhadores.

Por seu lado a administração tentou todos os meios para quebrar a combatividade dos operários: ameaçou despedir os operários mais combativos, fechar a cantina e mesmo proibir a saída das camionetas que transportam os operários.

No fim de um dia de greve a adminis-



tração acabou por ceder, saindo os operários desta luta, unidos e vitoriosos.

Nos dias que se seguiram à greve, operários e operárias, contavam nos locais onde habitavam (Cacilhas, Almada, e Piedade), a sua vitória. Nas conversas mostrava-se mais a satisfação pela unidade que tinham conseguido, do que propriamente pelos aumentos obtidos, mesmo tendo sido esses importantes (2 contos de aumento para todos).

Nas conversas de operários de outras fábricas da região ouve-se agora, muitas vezes citar o procedimento exemplar dos camaradas da TIMEX.

É assim mesmo camaradas da Timex. **VIVA A UNIDADE OPERÁRIA**

## O naufragio

### da Leirosa

No dia 28 de Fevereiro num naufragio na Leirosa morreram três pescadores. Apesar da proibição de ir ao mar durante três meses (Janeiro, Fevereiro e Março) estes homens foram obrigados a ir mesmo durante o mau tempo para dar de comer aos filhos. Nestes meses os pescadores não têm outro meio de viver nem tão pouco o abono de família.

Elísio Paulino contou o que se passou: "Eu ia ao motor, os homens nos remos, tinham atacado o campo de mar. Estava tudo certo. Então puxei o cabo do motor mas este não respondeu. Não pegou à vante".

Elísio Paulino tentou embraiar e desembraiar. A patilha não se moveu.

Mas não foi por isso que a tragédia se deu. O que se passou foi que o barco na volta de mar, recebeu em cheio a rebentação, meteu água, "começou a arriar" foi um pronto. O mar levou o aparelho e ensarilhou as cordas.

Dos 13 homens que havia a bordo 3 desapareceram devido ao atraso de socorros. O António deixou a mulher e cinco filhos de 12 ANOS A 11 meses, o Joaquim Parracho deixou a mulher e 4 filhos de 15 a 9 anos. Como diz o povo de Leirosa "os orfãos são quase um hábito nesta terra".



DE VIÚVAS E ORFÃOS ESTÁ O POVO DA LEIROSA FARTO !

O que será destas famílias sem pai? Já antes viviam na miséria, em casas de terra batida, de tijolos mal unidos, deixando frestas nas paredes.

Porque não vieram socorros da Figueira? Porque a barca salva-vidas ao ser posta na água quebrou o leme. O povo da Leirosa tem razão quando afirma que o leme do salva vidas está sempre avariado.

Porquê todas estas mortes inúteis? Porque esta sociedade obriga-nos a trabalhar em más condições, porque nos obriga a ir ao mar em qualquer altura para poder sustentar os filhos.

Só quando o povo tomar conta do poder isto mudará!

O ALARME sup.VRA  
22 Village du Rif  
38640 - Claix

Dir: J.P. Sartre - Imp. Sp. VRA  
nº d'insp.-com. paritaire: 53381